

## O ESTILO QUEIROSIANO EM “O TESOURO”, DE EÇA DE QUEIRÓS

Marília de Melo Pereira  
(G – FAFIJA)

Hiudéa Tempesta Rodrigues Boberg  
(Orientadora – FAFIJA)

É praticamente do domínio de todos os apreciadores de literatura, que Eça de Queirós foi um excelente romancista, porém a maior parte das pessoas ainda desconhece a expressividade dos contos do escritor português.

Através de uma breve análise do conto “O tesouro”, será demonstrada a genialidade do escritor, ao reunir em pouquíssimas páginas elementos capazes de atrair toda a atenção do leitor. Simbologia, tragédia, moralidade e a fina ironia do autor, são alguns dos aspectos que fazem o conto “O tesouro” ser considerado um dos melhores do gênero.

O conto “O tesouro” descreve a história de três fidalgos decadentes, Rui, Guanes e Rostabal, que ao tomarem posse de um cofre cheio de ouro tomam as mais deprimentes atitudes. A cobiça e o egoísmo são marcas constantes da narrativa. Rui, Guanes e Rostabal são irmãos e, devido às circunstâncias em que vivem, tornaram-se seres animais, e por isso são incapazes de sentir amor uns pelos outros.

O egoísmo e a cobiça levam-nos à recusa de humanização, o que culmina em um desfecho trágico. Considerado um conto de proveito e exemplo, como os do fim da Idade Média, fica nítida a intenção do autor em mostrar que a ambição desmedida pode levar o ser humano à caminhos tortuosos, com conseqüências infelizes.

Apesar das circunstâncias difíceis em que se encontravam, falidos e à beira da miséria, os personagens não se redimem, pois têm castigos à altura do quanto ousaram infringir as leis de Deus e dos homens.

A descoberta do tesouro poderia ter sido a possibilidade dos irmãos de Medranhos terem saído de uma vida quase animal para terem uma conduta mais humana. Devido à ambição, não se contentam em dividir o tesouro, querendo se apossar unicamente do bem material.

Além de um excelente enredo, o conto apresenta uma estrutura tripartida, bastante peculiar, que pode ser dividida em:

- Descoberta do tesouro e decisão de o partilhar, que é o momento em que ocorre a dissociação dos personagens, devido ao surgimento da desconfiança entre eles, já que até aí os três irmãos são retratados em conjunto.

- Rui e Rostabal decidem matar Guanes, devido à influência exercida por Rui sobre Rostabal; morte de Guanes que é assassinado por Rostabal, mediante a persuasão de Rui; morte de Rostabal, que é assassinado por Rui, de maneira fria e calculista.

- Rui apodera-se do cofre e morre envenenado. Este momento é o ponto chave de toda a narrativa. Rui demonstra alívio por ter conseguido ser o único dono do tesouro, pensa em possibilidades de justificativa para a morte dos irmãos e mostra toda a sua satisfação por ter conseguido ser o magnífico senhor de Medranhos. Toda essa euforia é quebrada quando Rui bebe o vinho envenenado trazido por Guanes e agoniza terrivelmente até a morte. Neste momento, é possível perceber toda a ironia do autor, pois justamente “D. Rui”, o mais avisado, não conseguiu ter mais esperteza que Guanes.

Além da estrutura tripartida, também há outra maneira de se dividir a história, considerando os momentos mais importantes: situação inicial; achamento do tesouro; primeiro crime; segundo crime; terceiro crime e situação final.

Os personagens são apresentados, propositalmente, numa ordem rítmica. A escolha dos nomes Rui, Guanes e Rostabal, apresenta uma gradação fônica: Rui, monossílabo, formada por um ditongo fechado; Guanes, dissílabo, penúltima tônica, uma nasal(ã); Rostabal, trissílabo, última tônica, uma vogal oral(a). Esta hierarquia caracteriza também o nível de esperteza dos mesmos, visto que Rui era o mais avisado; Guanes, por aparecer menos na história, parece ser menos esperto que Rui, mas mais esperto que Rostabal; por fim, Rostabal, o mais estúpido e influenciável.

Os três nomes, em gradação descendente de importância na história, se apresentam em gradação ascendente, em seu aspecto fônico, o que revela a valoração de Rostabal no julgamento do narrador: o mais estúpido, o mais ingênuo.

Os aspectos físicos dos personagens revelam traços de caráter. Rui é gordo, ruivo, tem “pescoço de grou” e é o mais esperto dos três, usa um chapéu com algumas plumas roxas. Aproveita-se da condição estúpida de Rostabal para persuadi-lo a matar Guanes. Em nenhum momento aparenta sentir remorsos, mas sim satisfação por ter conseguido livrar-se dos irmãos. Comparando o chapéu de Rui ao de seus irmãos, é possível constatar que, apesar da condição miserável, ele é o que ainda mantém uma aparência superior. O autor leva o leitor a acreditar que Rui terá sucesso em seu plano, já que o rotula tanta vezes como “o mais

avisado”, mas destrói toda essa impressão ao dar ao personagem o mesmo fim trágico de Guanes e Rostabal.

Guanes é descrito como o mais leve, de pele negra, é desconfiado, brutal, mas gosta de cantar, usa um chapéu com uma pluma vermelha. Apesar de em um primeiro momento não aparentar ser um personagem de grande relevância, pode ser comparado a Rui, pois tem os mesmos sentimentos de cobiça e egoísmo que o irmão, querendo o tesouro só para si. Ao partir para Roquelanes, entoava uma cantiga que é um indício do seu plano. Guanes é a grande “surpresa” de Eça no conto, é o menos caracterizado para, no final, surpreender com sua atitude, sendo o grande responsável por toda a tragédia.

Rostabal é mais alto que um pinheiro, de longos cabelos e grande barba, é pouco dotado de inteligência, usa um chapéu com uma pluma quebrada e torta. Devido a sua ignorância, Rui aproveita-se da sua ingenuidade para convencê-lo a matar Guanes, lembrando-o que este o humilhava devido a sua incapacidade intelectual. Apesar de toda sua força física, Rostabal é um estúpido, sempre concorda com seus irmãos. Quando mata Guanes, sua atitude animalesca contrasta com a da égua do irmão Guanes, que não quer abandonar seu dono, aparentando ter sentimentos, que são conferidos a um ser humano. É possível constatar que Rostabal, neste momento, é zoomorfizado, enquanto a égua é antropomorfizada. Devido a suas atitudes estúpidas, Rostabal pode ser considerado o personagem mais digno: mata porque Rui o perturba e em nenhum momento demonstra a intenção de ser o único dono do tesouro, sendo o único a demonstrar certos traços de generosidade, atraindo portanto, a maior simpatia do leitor.

A mesma hierarquia que caracterizou a esperteza será utilizada no momento da morte. Rui, “o mais avisado”, é quem mais sofre para morrer, constata a hora da morte e sente-se queimar por dentro, ficando depois com a face negra enterrada na terra. Guanes sofre menos do que Rui, mas ao ser atingido, ainda arqueja para tentar se defender, sendo seu corpo alvo de corvos. Rostabal, o mais estúpido e animalesco, não sente a morte e a fonte “canta” lavando seu corpo, o que sugere a purificação e o perdão do autor para este personagem. As descrições das mortes evidenciam o predomínio das sensações físicas que resultarão em sensações psíquicas, revelando uma grande sensibilidade sensorial. É possível concluir que cada um dos três recebeu um castigo à altura de sua ambição e gestos de maldade.

Durante todo o desenvolvimento do texto, a presença do número três é muito forte. São três irmãos, que possuem três éguas e ao irem até à mata de Roquelanes encontram um cofre com três chaves e três fechaduras. Constatando que dentro do cofre existe um tesouro, decidem comprar três alforjes de couro, três maquinas de cevada, três empadões de carne e três

botelhas de vinho. Além de o número três aparecer tantas vezes na narrativa, o próprio conto tem três capítulos.

A partir de estudos realizados, o número três simboliza a criação: natureza tríplice de Deus (criação, conservação, destruição); o desenvolvimento ordenado e harmonioso do universo; a síntese espiritual; a solução do dualismo; a forma de criação de cada um dos mundos; os três ciclos da vida: nascimento, apogeu, morte; a composição do homem, corpo, alma, espírito; as três esferas concêntricas do universo (natural, humano, divino). Representa ainda uma grande importância simbólica de união e equilíbrio, aparecendo na Santíssima Trindade (pai, filho e espírito santo). É o número chave da democracia, pois é a quantidade mínima de pessoas para que se consiga tomar uma decisão em grupo.

Levando em consideração a simbologia do número três, é possível constatar que o autor fez uso do número cabalístico como uma forma de ironia. As atitudes dos personagens contrastam com o significado espiritual do número três, pois não há união, cooperação e equilíbrio entre os três irmãos. Enquanto o número três simboliza a democracia, nenhum deles age desta forma, pois encontram uma solução mais fácil para resolver seus problemas: matarem-se uns aos outros. Além das atitudes, também não correspondem à formação de uma família. São apenas três irmãos, sem a existência de pai ou mãe, formando uma família truncada. A presença do três se alongará durante toda a narrativa e quando é quebrada é o indício do fim trágico.

Após o achamento do tesouro, Guanes parte para Retortilho, entoando a seguinte canção:

*“Olé! Olé!  
Sale la cruz de la iglesia  
Vestida de negro luto...”*

Embora a canção tenha sido interpretada de maneira inocente por Rui e Rostabal, já que Guanes gostava de cantar, ela tem indícios que revelam as intenções de Guanes. A cruz é o signo da morte, o que caracteriza os planos de Guanes para com os irmãos. O negro luto pode ser entendido como a forma em que a mata de Roquelanes ficaria após a ingestão do vinho envenenado por Rui e Rostabal. Apesar da igreja não denotar nada em um primeiro momento, ela também é um indício trágico, pois é atrás da igreja, em Retortilho, que Guanes compra o veneno para matar os irmãos.

A constância do número três só é quebrada quando Guanes traz duas garrafas de vinho de Retortilho. Mesmo estranhando o fato de Guanes ter trazido duas garrafas de vinho para três convivas, Rui delicia-se com a bebida e constata, tardiamente, o que havia em seu

conteúdo. A quebra do número três é um forte indício da intenção maléfica de Guanes. Nenhum dos personagens consegue interpretar esses indícios, não conseguindo escapar da morte.

Eça de Queirós, através de suas considerações no texto, influencia o leitor a ter um tipo de pensamento que será rompido no fim do conto. Qualifica Rui, durante toda a narrativa, como o “mais avisado”, levando o leitor a acreditar que este personagem obterá sucesso em suas pretensões. No último capítulo, acontece o desfecho surpreendente: Rui morre por ter tomado o vinho envenenado, trazido por Guanes. Neste momento, o autor-narrador faz uma consideração irônica: *“Oh! D. Rui. O avisado, era veneno!”*

As intromissões do narrador são, na verdade, valiosíssimas considerações que levam o leitor a ser influenciado por suas perspectivas. O autor “brinca” ironicamente com as características de Rui, que por ser extremamente prepotente intitula-se D.Rui, o único senhor de Medranhos, e por ser esperto, não é de se esperar o fim que teve. Assim, a ironia do autor desprestigia a figura de Rui, pois devido as suas qualidades tão salientadas, não era de se esperar que fosse menos esperto que Guanes.

A ironia e a presença pessoal do escritor são características peculiares de sua obra. Ele se posiciona sobre os fatos, e oferece informações julgadas pelos seus próprios valores. Utiliza todos os recursos possíveis para incorporar-se na narrativa, já que precisa, de alguma forma, ser autor e objeto de sua ficção. A maneira como Eça de Queirós se comporta perante o que escreve pode ser definida através das palavras de Euryalo Cannabrava:

*“O realismo de Eça... forrado de agudeza intelectual e intensificado pelo espírito satírico, adquire tonalidades acústicas e visuais. Ele vê, ouve, apalpa, cheira com as suas ventas largas, prova com os seus lábios grossos, prelibando o bolo, antes de deglutir, através da lenta ação de suas papilas gustativas.”* (apud DA CAL, 1969, p. 35)

No início da narrativa, o tempo desenrola-se de maneira lenta, pois o narrador preocupa-se em caracterizar bem a situação miserável em que vivem os três irmãos e a nobreza de onde vieram:

*“Os três irmãos de Medranhos... eram então, em todo o reino das Astúrias, os fidalgos mais famintos e os mais remendados.”*

Conforme a narrativa vai se desenvolvendo, o tempo flui rapidamente, pois o achamento do tesouro, a morte de Guanes, a morte de Rostabal e a morte de Rui, acontecem em um mesmo dia:

*“Ora, na primavera, por uma silenciosa manhã de domingo, andando todos três... encontraram... um velho cofre de ferro...”*

*“Anoiteceu. Dois corvos dentre o bando que grassava...”*

O espaço é caracterizado em dois ambientes: o Paço de Medranhos (um palácio decadente) e a mata de Roquelanes. Enquanto os três personagens estão no Paço, não é possível definir características próprias dos mesmos, pois ao apresentados em conjunto: *“...passavam eles as tardes desse inverno, engelhados nos seus pelotes de camaleão, batendo as solas rotas...”*

O Paço revela uma certa obscuridade, já que não é possível obter nenhuma impressão nítida de cada personagem.

Quando a narrativa transporta-se para a mata de Roquelanes, há uma grande mudança na percepção do leitor. Tudo fica bem definido. Além das características físicas de cada um tornaram-se conhecidas, o leitor passa a descobrir os aspectos psicológicos dos três irmãos:

*“Então Rui, que era gordo e ruivo, e o mais avisado...”*

*“...ele entendia que o mano Guanes, como mais leve... não se arredava do cofre, enrugado desconfiado, puxando entre os dedos a pele negra de seu pescoço de grou...”*

*“... gritou Rostabal, homem mais alto que um pinheiro... Guanes te tratava de cerdo e torpe, por não saberes as letras nem os números...”*

Em suma, é possível concluir que o Paço está mergulhado em obscuridade, enquanto a mata revela clareza quanto ao conhecimento dos personagens.

Concluindo a análise, é possível constatar que o gênero conto está perfeitamente definido. O conto “O tesouro”, é um dos menores, escrito por Eça de Queirós, porém a concisão faz dessa obra uma prazerosa leitura.

A articulação das seqüências narrativas faz-se por encadeamento, prendendo a atenção do leitor em todos os momentos.

O único tema abordado exerce um poder de concentração sobre o leitor, fazendo com que se envolva com a história, querendo logo descobrir o desfecho. Sem dúvida alguma, este conto pode ser considerado um dos melhores do gênero, pois engloba todos os elementos essenciais que definem um conto bem estruturado, bem composto.

Convém observar que contrapondo-se a todo o realismo, também estão presentes na narrativa elementos líricos. A presença da boa erva pintalgada de papoulas e botões de ouro, o melro a assobiar, o cheiro errante de violetas que adoçam o ar luminoso, o repique leve dos sinos, a fonte que canta, a tarde que desce pensativa e doce, com nuvenzinhas cor de rosa, entre outros, são elementos que revelam o lirismo, que ameniza toda a cena trágica.

Diante de todos os aspectos observados, o conto poderia ser intitulado perfeitamente como “Quem tudo quer, tudo perde”.

O autor conseguiu realizar uma perfeita obra-prima, na qual assume o papel de contador de histórias, que nos apresenta uma narrativa fortemente codificada. O discurso avaliativo realizado pelo narrador faz com que o leitor atribua juízos de valor equivocados no decorrer da leitura, o que torna o conto ainda mais surpreendente.

## **Referências**

BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos da literatura portuguesa*. São Paulo: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1968.

CEIA, Carlos. *Indícios*. São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.fsch.unl.pt/edlt/verbetes/indicio>>. Acesso em: 01 de abril de 2007.

[pwp.netcabo.pt/0511134301/tesouro.htm](http://pwp.netcabo.pt/0511134301/tesouro.htm). “*O tesouro, de Eça de Queirós*”. Acesso em 25 de agosto de 2007.

[www.gargantadaserpente.com/coral/contos/eca\\_tesouro](http://www.gargantadaserpente.com/coral/contos/eca_tesouro). *O tesouro*. Acesso em 01 de abril de 2007.

[www.numerologo.com.br/simbologia](http://www.numerologo.com.br/simbologia). *Simbologia Sagrada*. Acesso em 24 de março de 2007.

[www.sabetudo.net/significado\\_dos\\_nomes](http://www.sabetudo.net/significado_dos_nomes). *Significado dos nomes*. Acesso em 14 de abril de 2007.

SENA, Jorge de. *Estudos de história e de cultura*. Lisboa: Edição da Revista Ocidente, 1967.

[www.wikipedia.org/wiki/Contos](http://www.wikipedia.org/wiki/Contos). *Contos*. Acesso em 03 de abril de 2007.